Alenquer e os touros

Touros e cavalos fazem de há muito parte da cultura alenquerense. Se por um lado o "Baixo Concelho" se encontra no limite do Ribatejo, mas bastante influenciado por ele – até porque os hábitos culturais não se submetem a fronteiras administrativas, por outro, essa mesma zona é já constituída por grandes várzeas, como o antigo Paul da Ota ou os campos do Carregado borda d'água, propícios à criação desses animais.

Destes e doutros factores, como o de ser esta uma zona de residência sazonal ou permanente da nobreza, resultou ter-se aqui enraizado o gosto pela tourada, de que há notícias mais frequentes a partir de meados do século XIX, mas que, certamente noutros moldes, trás suas origens dos tempos medievais. Lembremo-nos, por exemplo, dos touros que Confraria do Espírito Santo de Alenquer fazia correr durante as suas Festas, já no século XIV, ou das manadas que a Confraria de Nossa Senhora da Piedade da Merceana já detinha no século XVI.

A partir do século XIX muitos outros nomes nos surgem de ganadarias, pertencentes a grandes lavradores criadores, tendo algumas chegado aos nossos dias. Registam-se as de Rafael José da Cunha, ou dos Vicentes Barbosas, na Labrugeira, do Conde de Belmonte, em Ota, do Conde de São Martinho, no Bairro, do Marquês de Castelo Melhor e do Visconde da Várzea, na Quinta do Campo no Carregado, de Vaz Monteiro e Pinto Barreiros, também no Carregado, de Francisco de Goes, em Olhalvo, ou da Casa Carmo, de Alenquer. Todos se dedicaram também à criação de cavalos.

Destas famílias sairiam, como é natural, muitos amadores tauromáquicos dos últimos dois séculos que atingiram notoriedade. Cavaleiros, como os irmãos D. António e D. Rui de Siqueira, D. João Castelo Melhor ou o Visconde da Várzea; Bandarilheiros como o Conde de Belmonte ou Francisco de Goes; Moços de forcado como D. Nuno Belmonte ou José Manuel de Goes, só para citar alguns.

Estão documentadas também várias praças de touros no concelho. A da Merceana já existia em 1879; a da Labrugeira foi inaugurada em 1889; pouco tempo depois, já existia uma na Quinta do Campo. Não há descrições delas, mas é de supor que algumas fossem de madeira, como aquela que uma comissão queria construir em Alenquer em 1893: de madeira, com barreiras e touril em alvenaria, tendo oito filas de bancada, comportando 2.000 pessoas, e sendo toda forrada exteriormente de madeira também. Não sei se esta praça se construiu, mas se efectivamente construiu seria aquela que se situou na antiga Rua das Hortas, mais ou menos em frente do local onde mais tarde se fez o edifício do Matadouro, hoje Biblioteca Municipal.
Depois, já em 1919 ou 20, outra comissão fez construir outra praça, já de pedra e cal, no sítio do Pedregal, junto da Estrada Nacional, reinaugurada mais tarde, em 1943, com 2.900 lugares e explorada pela Misericórdia. Também esta já não existe há umas décadas.

Hoje, a tradição mantém-se viva e animada essencialmente pelo ainda recente Clube Taurino Alenquerense que formou o seu grupo de forcados, tem incentivado alguns novos valores e promovido alguns espectáculos, bem como pelas corridas e largadas que se realizam em praças desmontáveis pelas feiras de Maio e Setembro.

Filipe Rogeiro, Junho de 2007
Jantar-tertúlia do Clube Taurino Alenquerense.